

O homem que falou bem de Deus. Job na tradição patrística

ISIDRO PEREIRA LAMELAS
Faculdade de Teologia, CEHR – UCP

«Job, este homem dotado de tantas virtudes admiráveis, que se conhecia a si mesmo e a Deus. Mas teria permanecido desconhecido para nós, se não tivesse sido ferido e posto à prova... Do mesmo modo que um perfume não se pode cheirar ao longe se não for agitado ou o incenso não espalha o seu aroma se não for queimado, assim também o perfume da virtude dos santos só se espalha por meio das tribulações»

(GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, prefácio).

Introdução

O “perfume” de Job é uma presença forte e continuada na tradição cristã, mesmo quando o *Livro de Job* não mereceu tanta atenção. Aliás, em muitos momentos e circunstâncias despertou mais interesse o “Job” do livro que o “Livro de Job”. Quando S. Gregório, a pedido do bispo Leandro de Sevilha, se dispôs a comentar o *Livro de Job*, começa por recordar que antes dele ninguém tinha comentado esse difícil livro bíblico: «Quando me coloquei perante este livro obscuro, nunca comentado antes, deparei-me

com tantas e tais dificuldades que, vencido pelo peso da petição, me julguei, confesso-o, sucumbir pelo abatimento.»¹

E, no entanto, a figura de Job esteve sempre presente na parénese moral e espiritual cristãs, mesmo quando, em boa parte dos casos, o personagem ou tema *Job* não coincide com a história narrada no *Livro de Job*. De facto, quando os cristãos se apropriaram da vida exemplar de Job, há muito a figura do patriarca bíblico fazia parte do imaginário religioso judaico-cristão que via em Job o exemplo do «homem que falou bem de Deus» (cf. Jb 1,21; 2, 10; 42,7) na hora da prova.

Desde muito cedo assistimos assim, à construção de duas molduras de Job que sobreviverão, lado a lado, ao longo dos séculos: de uma parte o Job da hagiografia popular, na linha do apócrifo *Testamento de Job*, da outra parte, o Job bíblico de abordagem mais difícil para os exegetas e comentaristas. Compreende-se, por isso, que em relação a esta última imagem incómoda do Job “canónico”, encontremos uma dupla atitude: a dos autores de sensibilidade alexandrina que, graças à exegese alegórica, resolvem bem o problema de um Job em conflito com Deus²; e a dos antioquenos que se vêm em maiores dificuldades e, por isso, manifestam menor estima por esses livro bíblico³.

Tenha-se entretanto presente que o conceito de Escritura nos Padres da Igreja é diferente do da exegese hodierna. Enquanto para esta há um só texto veterotestamentário (*original* hebraico) e um só sentido, o *literal*; para os Padres, a Bíblia é a versão grega dos LXX e nem sempre o texto e o sentido do mesmo são únicos. Não dispondo das conquistas da crítica textual moderna que demonstrou, por exemplo, estarmos perante um texto compósito⁴, a exegese patrística reinterpreta o *Livro de Job* em sentido espiritual, isto é, em chave cristológica, eclesial e moral.

¹ GREGÓRIO MAGNO, *Carta a Leandro de Sevilha*, 2 (SC 32bis, 118).

² Quanto à intervenção do Diabo, geralmente interpretam o texto como narrativa alegórica, vendo nas tribulações de Job o símbolo da luta constante do justo contra as tentações e paixões inspiradas pela malícia do Tentador. De qualquer modo, o poder do Demónio nunca se sobrepõe ao de Deus. Pelo contrário é mantido dentro dos limites estabelecidos por Deus (cf. DÍDIMO CEGO, *Comentário ao livro de Job*, 1,11; JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job*, 1,11b).

³ Mesmo assim, sabemos que redigiram comentários ao *Livro de Job* Diodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto de Ciro, João Crisóstomo e Policrónio de Apameia, irmão de Teodoro de Mopsuéstia.

⁴ Cf. JEAN LÉVÊQUE, *Job et son Dieu*, I-II, Paris 1970, 119-132; 213-229; II, 537-543; 593-606.

Outra marca fundamental da hermenêutica patrística é a preocupação pela salvação. Toda a exegese do *Livro de Job* insere-se nesta preocupação de fundo. Job é um ícone da condição humana proposto a todos nós: Desde o pecado de Adão que Job está sentado... olhando o céu⁵.

Leituras de Job

Job está hoje na moda, mas não foi sempre assim. Nos primeiros dois séculos cristãos fica mesmo a sensação de que o *Livro de Job* não era lido. Impressão que, aliás, se poderá alargar a outras eras. Grandes comentadores, como Agostinho ou Jerónimo, parecem querer evitá-lo. E mesmo quando o abordam, os pontos de interesse e leituras feitas são bem diversas das atuais. A primeira grande dificuldade parece a de encontrar o fio condutor coerente deste complexo texto bíblico. S. Jerónimo, reconhecido perito nas ciências bíblicas, chega a afirmar que «comentar Job é como tentar agarrar enguias com a mão... quanto mais se aperta mais depressa nos escapa»⁶. A primeira dificuldade, já advertida pelo mesmo S. Jerónimo⁷, está na atendibilidade do texto ou da tradução que chegou até nós por via dos LXX e da Vulgata.

Não surpreende, pois, que não tenha sido pela via exegética que o caso Job entrou nos hábitos mentais das comunidades cristãs. Deparamo-nos, aliás, desde muito cedo com uma imagem de Job nem sempre fiel ao texto canónico (pelo menos tal como o lemos hoje). Efetivamente, se é verdade que a história do homem de Hus fez sempre parte do imaginário religioso judaico e cristão, foi, pelo menos num primeiro momento, através da literatura popular que a fama de Job singrou.

A fonte principal desta tradição popular encontramos-la no *Testamentum Jobi* (início do século II)⁸, documento que muito influenciou os retra-

⁵ Na Igreja ortodoxa o livro de Job é lido durante a Semana Santa. Tal como sucedia em Milão (*Ep.* 76,14) e Verona.

⁶ *Prólogo ao Livro de Job*.

⁷ Já S. Jerónimo adverte para a discrepância entre a versão grega do Livro de Job e a versão hebraica do mesmo. Cf. *Prólogo ao Livro de Job*.

⁸ Cf. P. H. TREMBLAY, *Job 19,25-27 dans la Septante et chez les Pères Grecs*, Paris 2002, 224-225; L. CARNEVALE, *Il caso di Giobbe tra persistenze bibliche e trasformazioni: il ruolo del Testamentum Jobi*, in *Annali di Storia dell'Esegesi* 23/1, 2006, 223-54); P. CAPELLI, *Testamento*

tos de Job na posteridade cristã. Neste apócrifo, o protagonista é já um Job paciente que orienta toda a sua esperança para a vida futura. Descendente da linhagem de Jacob, membro, portanto do povo judaico (e não pagão, como no texto bíblico), é apresentado como um rei, que assume atitudes de submissão, tolerância, que atenuam os traços fortes de revolta que conhecemos no protagonista bíblico. O tema do sofrimento do inocente é substituído pelo da paciência e esperança inquebrantável do patriarca que se apresenta não em conflito com Deus mas com o demónio, numa intencional enfatização do papel de Satanás que, de acusador, passa a antagonista de Job. Dentro do mesmo propósito, também o papel da mulher de Job, influenciada pelo demónio, é amplificado. Quanto ao problema do mal e sofrimento inexplicável dos justos, central no texto bíblico, perde a sua gravidade: o sofrimento de Job é agora simplesmente uma prova de eleição divina, e Satanás é a causa direta de tal sofrimento. Todos estes acentos pouco bíblicos e talvez menos atuais acabaram por ter grande aceitação na posterior tradição cristã.

O Job da Bíblia e o Job da hagiografia caminharão desde então por vias paralelas. Este último, o Job da lenda, foi eliminando naturalmente os traços incómodos do homem contestatário e revoltado contra Deus, para trazer para primeiro plano as qualidades e virtudes do personagem bíblico.

Na pregação e catequese será sobretudo esta última imagem de Job que vingará no período patrístico. É este património comum de matriz judeo-cristã que encontramos já na *Carta de Tiago* 5,11 (do final do século I), onde Job é recordado como exemplo de paciência e suportação: «*Chamamos bem-aventurados aqueles que suportaram com paciência. Ouvistes falar da paciência de Job e conheceis a sorte final que o Senhor lhe reservou, porque o Senhor é rico em misericórdia e compaixão.*»

O autor dá claramente a entender que o seu público conhece bem a história de Job, por “ter ouvido falar” dela. Job já era, pois, popular, antes do final do século I, em ambiente judeo-cristão, nomeadamente através da

di Giobbe, in P. SACCHI (cur.), *Apócrifi dell'Antico Testamento*, 4, Brescia 2000, 103-180. Uma narrativa midrashica, sob a forma de história piedosa que segue com alguma liberdade a narrativa canónica. Uma das primeiras reflexões sobre Job, mas também um testemunho do estado popular e fluido das tradições à volta da história de Job, no séc. I d.C. O tema da paciência de Job começa aqui (*Testamentum*, 1,5). O problema do mal: Sinal de eleição divina e Satanás, enquanto verdadeiro inimigo de Deus, como causa direta de tais sofrimentos. Na época talmúdica encontramos já uma variedade de leituras de Job. Eco de uma pluralidade de narrativas populares.

temática ético-moral da “paciência de Job”. Este modelo de homem justo é, contudo, o mesmo que confessa que ninguém está limpo de impureza, «ainda que tenha vivido um só dia» (Jb 14,4-5).

No primeiro escrito cristão pós-bíblico, a *Carta de Clemente Romano Aos Coríntios*, redigida em Roma nos anos 90 do século I, reencontramos os traços e temáticas mais sublinhados pelos autores vindouros: Job como exemplo de paciência e submissão a Deus⁹; profeta da ressurreição (Jo 19,26: *Na minha carne verei a Deus*), e prova de que «homem algum está isento de pecado»¹⁰.

Tertuliano, no tratado *Sobre a paciência*, consagra, em ambiente cristão, o *topos* da *paciência de Job*. O patriarca bíblico assume, desde então, o estatuto claro de *exemplum patientiae*, devido à sua capacidade de resistir às insídias do Diabo com vigor e ânimo incomparáveis¹¹. Note-se que, neste caso, a fonte não é o texto canônico, mas o *Testamentum Jobi* (referência aos vermes, 15,5). No *De fuga in persecutione*, o mesmo apologista apresenta Job como o exemplo do cristão que não deve fugir na hora das perseguições. Na resposta “atletica” de Job a Satanás, encontramos mais um eco do *Testamentum*. Job encarna toda a ética estoico-cristã, proposta a todos os crentes, ricos ou pobres, sujeitos à provação¹².

Cipriano de Cartago, assumido discípulo de Tertuliano, retoma a abordagem do seu mestre, no tratado *Sobre a Paciência: o Diabo*, depois de «disparar contra Job todo o tipo de armas», roubando-lhe os haveres, os filhos e a saúde, «para que não faltasse nada para experimentar a paciência

⁹ CLEMENTE ROMANO, *Cor.* XVII,3-4; XXX, 4-4. Cf. HERVÉ TREMBLAY, *Job 19, 25-27 dans la septante et chez les pères grecs. Unanimité d'une tradition*, Paris 2002.

¹⁰ CLEMENTE ROMANO, *Cor.* XVII, 4; XXXIX,4-5: em contexto do tema da ressurreição da carne, Job é, pelo menos na comunidade de Roma, recordado como o testemunho pré-cristão da ressurreição dos corpos, desde o primeiro escrito patrístico (1Cor), até aos grandes comentadores, como Crisóstomo («Conhecia Job a doutrina da ressurreição? Parece que sim e precisamente a ressurreição dos corpos...», *In Job*, 19,25); Jerónimo (*Job exemplar patientiae e resurrectionem corporum... prophetat*; *Ep.* 53 *Ad Paulinum*, 8); ou Gregório Magno (*Moralia in Job*, 14,54,67; 55,68. 69). Agostinho, na *Cidade de Deus*, retoma a exegese de Job 19,25-27 (Eu sei que o meu redentor vive), como *locus classicus* da doutrina da ressurreição (*De Civitate Dei* XXII,29,4), usando uma tradução diferente da usada por Jerónimo que Agostinho não apreciava. A epigrafia funerária antiga recorre frequentemente a Jb 19,25-26 para expressar a fé na “ressurreição da carne”, cf. A. MASTINO, *La risurrezione della carne nelle iscrizioni latine del primo cristianesimo*, in AA. VV. *Dizionario di spiritualità biblico-patristica. 15: Morte-risurrezione nei Padri*, Roma 2007, 289-293.

¹¹ Cf. TERTULIANO, *De patientia*, 14,2. 3.

¹² Cf. TERTULIANO, *De fuga in persecutione*, 1,5.

de Job, deita mão da sua própria mulher, e da sua antiga astúcia e maldade, como se o que conseguiu no princípio pudesse fazê-lo agora, enganando e surpreendendo todos por meio da mulher»¹³. Temos aqui já o *topos* do paralelo mulher-Eva¹⁴ que será retomado insistentemente no futuro¹⁵.

Job celebra assim, no meio de terríveis e penosas provas, «o triunfo da paciência, a mão benfazeja de Deus: não foi vencido, mas posto à prova e no meio das suas angústias e dores deu exemplo de paciência e espírito submisso, dizendo: *sai nu do ventre de minha mãe... Seja bendito o nome do Senhor*, 1,21¹⁶.

No tratado *De Dominica Oratione*, comentando a prece “não nos deixes cair em tentação”, Cipriano recorda que Deus concede ao Diabo um duplo poder em relação a nós: ou para castigar-nos quando pecamos, ou para nosso mérito, quando nos coloca à prova, «tal como sucedeu com Job, segundo declara o próprio Deus ao dizer: *Eis que coloco em tuas mãos tudo o que ele tem, mas livra-te de tocar na sua pessoa* (Job 1,12)»¹⁷.

Para os cristãos que se vêem perseguidos, Job é o *exemplum* de «que os justos sofrem mais que os outros, mas devem suportar, porque estão a ser provados»¹⁸.

Clemente Alexandrino retoma o mesmo *topos*, mas em chave alexandrina, propondo Job como o modelo do verdadeiro *gnóstico*, isto é, do cristão perfeito¹⁹ que “testemunha” com humildade: «Está escrito sobre Job: *Era Job um homem justo e irrepreensível, verdadeiro, piedoso e afastado de todo o mal* (Jb 1,1). Ele que, pela paciência, venceu o tentador, deu testemunho

¹³ CIPRIANO, *De patientia*, 18.

¹⁴ Um paralelismo totalmente ausente no texto bíblico, mas já introduzida pelo *Testamentum Jobi*, tornado um *topos* desde Orígenes.

¹⁵ Em Cipriano aparece também, nesta circunstância, a associação das duas figuras de Job e Tobias. Ideia que era já popular e se repetirá em muitos autores.

¹⁶ CIPRIANO, *De mortalitate*, 10. No livro dos *Testimonia ad Quirinum*, Job é modelo de paciência, mas também de caridade: para documentar que «nunca se deve murmurar, mas antes bendizer a Deus», remetendo para Job 2,9 e 1,8 (III,14).

¹⁷ CIPRIANO, *De oratione*, 26.

¹⁸ CIPRIANO, *Testimonia ad Quirinum*, III,6, cita Job 1,21-22.

¹⁹ Aquele que «alcançou a gnose e disse com razão: *agora reconheço que tudo podes e que nada te é impossível. Quem me anuncia coisas que eu não conhecia, coisas grandes e maravilhosas que eu não sabia? Depreciei-me a mim mesmo, considerando-me terra e pó*» (Jb 42,2-3); CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom.* IV,26,168,1; cf. *Strom.* VII,80,5-8.

de mártir e mereceu o testemunho de Deus, manteve-se humilde dizendo: *Ninguém está isento de impureza, ainda que viva um só dia* (Jb 14,4-5).»²⁰

Como modelo do cristão gnóstico²¹, Job representa o ideal do “homem santo, isento de toda a maldade” e o protótipo da *paciência* (*upomonê*), mas também do devido louvor (*eulogia*): «Esta é a paciência que deve adquirir o gnóstico enquanto gnóstico; se é tentado bendirá o Senhor, como o nobre Job.»²²

Quando a perseguição e as provações do século se reacendem, tanto sob Décio (Cipriano), como sob Valeriano e Diocleciano, Job oferece à estratégia da “*praeparatio ad martyrium*” um excelente modelo (*exemplum*) da submissão paciente e da piedade postas à prova. Tais circunstâncias terão ajudado a que se operasse uma passagem da interpretação soteriológica de Job para uma apresentação martirial do herói bíblico. Comprovando esta inevitável relação entre a interpretação bíblica e o contexto histórico experimentado pelos cristãos no mundo em que vivem, numa segunda fase, a partir do século IV, quando já não há perseguições, Job será visto como a prefiguração de *Christus patiens* e da Igreja²³.

Assim se compreende que Orígenes (meados do século III), que sofreu na alma e na carne as provas da perseguição, cite tanto o *Livro de Job* e lhe tenha dedicado um ciclo de 22 homilias²⁴, primeira interpretação sistemática deste texto bíblico. Nestas *homilias* de que chegaram até nós apenas alguns fragmentos, o Alexandrino apresenta-nos Job sob uma dupla exegese: ora vendo nele o homem justo e temente a Deus, ora identificando-o com o crente que sabe que tudo depende de Deus, diante de quem o homem é frágil criatura. Entendendo a vida cristã como um combate incessante, o sofrimento acaba por ser um “bem”, enquanto concedido por Deus para exercitar e fortalecer o homem frágil.

Job aparece assim como a figura perfeita do mártir cristão e símbolo do justo que suporta as tribulações²⁵. Nas numerosas referências a Job²⁶, para

²⁰ CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom*, IV,17,106, 2-3.

²¹ Cf. CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom*. VII,12,80,5-8.

²² CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom*. II,20,103,4; cf. *Strom*. IV,17,106,5-3.

²³ MYLA PERRYMOND, *La figura de Giobbe nella cultura paleocristiana tra esegesi patristica e manifestazioni iconografiche*, Città del Vaticano 2002,18; veja-se catálogo iconográfico pp. 55-78.

²⁴ Cf. JERÓNIMO, *Carta* 33.

²⁵ C. KANNENGUIESSER, *Job chez les Pères*, DS (1974) 1220.

²⁶ Nos escritos origenianos chegados até nós contam-se mais de 300 citações de Jb, sobretudo

além dos traços tradicionais, Orígenes valoriza sobretudo as suas virtudes e o valor pedagógico da dor, ao mesmo tempo que confirma a avaliação negativa da mulher e dos amigos do patriarca. Job, para além do protótipo do mártir cristão, é a expressão adequada da *pietas*: o homem que não pecou com os lábios porque não dissimulou a sua confiança na Providência, mas mantém o olhar voltado para as coisas do alto. Neste sentido, comenta assim Jb 35,5 (*Olha o céu e observa...*):

«Olha o céu não quem levanta os olhos corporalmente e dirige ao céu seus olhos. Esse modo de olhar também o têm os animais. Mas ninguém que esteja preso ao mundo levanta os olhos para o céu. Não amemos o mundo, nem as coisas que há no mundo. Se olharmos para as coisas daqui não veremos as coisas do céu...»²⁷

No tratado *Sobre a oração* o Alexandrino quer mostrar que «é evidente que quem reza deste modo, enquanto fala e contempla as virtudes do Deus que o escuta, já sente a resposta: “eis-me”; desde que antes da oração tenha deposto todo o sentimento de desconfiança para com a Providência... Efetivamente, quem aceita aquilo que lhe sucede é realmente livre e nunca se revolta contra Deus que decide conforme sua vontade para nos exercitar, e nunca murmura ocultamente contra Deus como os maus servos murmuram nas costas dos seus senhores; murmuram pela calada, sem ousar levantar a voz... como se quisessem ocultar à Providência e ao Senhor do universo as suas angústias. É, ao que me parece, o que se diz em Job quando se diz que *em todas estas desventuras Job não pecou com os lábios perante Deus e... Em todas as desventuras que lhe advieram, em nada Job pecou diante do Senhor* (Jb 1,22; 2,10)²⁸.

os seguintes passos: 14,4-5 (15 x); 1,1, 7,1 (10x); 1,12; 5,18 (9x); 5,18 (7 x); 1,3; 2,10; 3,8 (6x); 1,6; 1,11; 1,21; 10,11; 25,5 (4x); 8,21; 10, 11; 26,7 (3 x). Um dos temas centrais que se desenvolverá à volta da figura de Job: o pecado e as suas penas que pesam inclusive sobre os justos individualmente sem pecado, cf. ORÍGENES, *Contra Celsum* VII, 50; *Hom. in Luc.* XIV, 5-6; *In Rom. Comment.* V, 9; AGOSTINHO, *Ep.* 166,3,6.

²⁷ ORÍGENES, *Homilias sobre Job*, 24, 11.

²⁸ ORÍGENES, *De oratione*, 10,1.

Job imago Christi et exemplum virtutis

Durante muitos anos Orígenes não teve seguidores que se afoitassem a comentar o *Livro de Job*²⁹. Temos de esperar pela segunda metade do século IV para podermos ler as *homilias* sobre Job, de Hilário de Poitiers³⁰.

De facto, a partir dos inícios do século IV, a tendência, que já vinha de trás, para considerar sobretudo as virtudes de Job, propondo-o como modelo de edificação moral, é cada vez mais notada.

Metódio de Olimpo, entre os séculos III e IV³¹, consagrara definitivamente a metáfora atlética aplicada a Job, para expressar a condição humana, mormente sob a experiência da dor, e exortar à sua superação. A mesma metáfora será reutilizada por outros autores, como Dídimio o Cego, de quem temos um comentário ao *Livro de Job* (restituído pelos papíros de Tura, apenas até ao capítulo 17). Neste, Job é proposto como modelo de coragem, suportação e submissão à vontade de Deus, verdadeiro “atleta”³², e exemplo de testemunho prático da ressurreição. Em Dídimio encontramos também já o paralelo Eva-Adão; Diabo-Job (2,9), e a identificação da Serpente de Gn com o Diabo, ideia já consumada no século IV. O Pseudo Ambrósio ou Ambrosiaster (*Quaestio 118 de Job*) segue a mesma exegese, revisitando Job como modelo dos cristãos nas suas lutas contra a tentação do Diabo (9-10). O ilustre patriarca bíblico personifica todo o género humano enganado pelo Diabo e Eva (Job enganado pelo Diabo por meio da sua mulher, 8). Ideia que Agostinho fará sua.

Agora o herói bíblico é reproposto como o homem de fé e virtude a toda a prova. Cirilo de Jerusalém (segunda metade do século IV), na

²⁹ Pelo menos no Ocidente, só a partir dos finais do século III ou inícios do IV, dispomos de comentários exegéticos a livros bíblicos completos. Apenas duas referências em JUSTINO (*Diál.* 46,32; 79,4; 103,5), que nunca alude a Job nas suas *Apologias*. Cipriano, *Quir.* III,6, 14, 54, III,1 (*exemplum* de humildade); *De opere et elemosynis*, 18 (*exemplum*). Nem Hipólito, nem Ireneu, nem Tertuliano...

DÍDIMIO (+398), *Comentário a Job*. JOÃO CRISÓSTOMO (+407), *Homilia sobre Job* (moralista).

³⁰ Cf. JEAN DOIGNON, «Rengaines» origéniennes dans les Homélies sur Job d'Hilaire de Poitiers, in *Le Livre de Job Chez les Pères*, 7-11; IDEM, *Versets de Job sur le péché de notre origine selon Hilaire de Poitiers*, *Ibid.* 13-21.

³¹ Temos apenas 30 fragmentos de uma obra sobre Job atribuída a este autor. Não podemos por isso saber se era um comentário ou série de homilias. Objetivo de edificação moral. Centra-se em Job 9, 25; 27-29; 38; 40.

³² DÍDIMIO O CEGO, *In Job*, 2,6.

catequese sobre o *Credo*, recorda Job como o homem sábio que se mantém na fé reta, sem blasfêmia:

«Os hereges tiveram o desplante de blasfemar contra Deus que nos profetas se mostrou todo-poderoso. Tu, adora um só Deus onipotente, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foge do erro... foge de toda a heresia e diz como Job: *Rogarei ao Senhor todo-poderoso, que fez coisas grandes e insondáveis, gloriosas e admiráveis, que não têm número*» (Jb 5,8-9)³³.

Deus, Pai e Criador que manifesta seu poder nas maravilhas da criação, move todo o homem crente, à imagem de Job, aos louvores da sua onipotência. Cirilo, depois da leitura de Jb 38, continua: «Quem é o pai da chuva? Quem forma as gotas de orvalho? (Jb 38,28-29). Segue-se uma longa catequese sobre a beleza e variedade da criação, convidando, através de sucessivas citações de Jb (22,14; 38,37; 26,8; 38,11; 9,26; 39,27; 37,16; 38,37; 26,8; 22,14; 38,28) aos louvores do Criador: «Que se deve, pois fazer, blasfemar o Criador, ou antes adorá-lo?»³⁴

A partir dos finais do século IV e no século V, num tempo em que os cristãos já não são perseguidos, assistimos, por um lado, a esta transferência do adversário real (mundo hostil que persegue) para o adversário simbólico (Diabo, Tentador), ao mesmo tempo que se verifica um processo paralelo de “santificação” de Job (Capadócijs). É o que encontramos nos grandes comentários de Ambrósio, Crisóstomo, Agostinho e sobretudo Gregório Magno. Mas já S. Leão Magno, nos seus *Sermões* se refere frequentemente à figura do *Beatus Job*, para mostrar que homem algum pode escapar à experiência do pecado e do sofrimento³⁵. E S. João Crisóstomo atesta a existência de lugares de peregrinação a São Job, frequentados pelos cristãos desejosos de “tocar” os lugares em que teria decorrido a história de Job³⁶.

Numa série de homilias *De interpellatione Job et David*, Santo Ambrósio apresenta estes ilustres personagens bíblicos como exemplos da fragilidade humana e pretexto para uma ampla reflexão sobre a condição

³³ CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequese*, VIII,8.

³⁴ CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequese*, IX.

³⁵ LEÃO MAGNO, *Sermão* 28,1, 37,2.

³⁶ JOÃO CRISÓSTOMO, *Hom. V ad populum Antiochenum*, 1.

humana. Segundo o bispo de Milão, a *interpellatio* dirigida por Job a Deus foi em nome de todos nós (*pro nobis*), sublinhando a leitura cristológica de Job. Na pregação do célebre bispo milanês reencontramos ainda um tema que também vinha de longe, mas agora ganha nova atualidade: Job figura do homem pio e sábio³⁷. Com Santo Agostinho esta ideia assume novos desenvolvimentos³⁸.

O bispo de Hipona, que ao *Livro de Job* apenas dedica umas “*annotationes*” que nunca quis publicar, assume em toda a sua obra uma especial predileção pela figura e temas de Job. Neste vê o ícone do cristão, imagem do “homem ferido na sua natureza” que confessa a sua condição e pecado diante de Deus. Interessa a Agostinho não o Job *secundum historiam*, mas enquanto prefiguração do homem do Novo Testamento, e figura do homem confessante (*laus, fides, peccatum*)³⁹ ou da própria Igreja (em polémica contra os donatistas que rejeitava os maus dentro da Igreja)⁴⁰.

Como Job, Agostinho sabe que ninguém é puro diante de Deus, mesmos os homens justos. Ficam assim já anunciadas, nestas *notas* agostinianas, algumas temáticas antipelagianas *ante litteram*: a mortalidade como castigo pelo pecado, 9,530; 10,532; 15,541; 17,544); que ninguém é puro diante de Deus (4,514). Job, embora justo, permanece consciente do próprio *status* de pecaminosidade intrínseca. (Juliano de Eclana, pelo contrário, comentando o *Livro de Job*, avalia a experiência de Job como uma prova de que o homem não só é dotado de livre-arbítrio, como é capaz dele fazer um uso apropriado, na medida em que a virtude está ao alcance de todos os que a procuram.) Há um pecado natural *de conditione mortale* (16). Job personifica o homem que assume e confessa seu pecado (6,521) e sua corrupção interna (4,515; 27,517).

³⁷ AMBRÓSIO, *Homilias sobre Job*, fundidas no *De interpretatione Job et David*. Job o *bonus athleta* ou *athleta Christi* (*De interp. Job et David*, 1,2,4; 2,1,2). Modelo do crente e do homem sábio, no qual reconhece virtudes proféticas (2,5,23; 1,7,25; 1,8,26-27)

³⁸ AGOSTINHO, *De Civitate Dei*, I,9.10.

³⁹ A palavra “confessio” é um dos termos mais frequentes (32 ocorrências). Sobretudo na aceção de “confissão dos pecados”. Cf. PIO DE LUIS, *Introducción y notas, Obras Completas de San Agustín. XXIX. Escritos bíblicos (5.º)*, Madrid 1992, 8, n. 15.

⁴⁰ Para Agostinho, Job personifica Cristo e a Igreja: Job «fala personificando a Igreja ao lado de Cristo sua Cabeça» (*Annotationes*, 29). “Job personifica o povo da Nova Aliança”, isto é, os cristãos; a “Igreja confessante” (24) a Igreja em tribulações e unida a Cristo, sua cabeça.

Agostinho vê também na mulher de Job a “nova Eva”, enquanto Adão é qualificado como *Adam in stercore*, com uma diferença: Job resistiu à tentação do demônio⁴¹.

O hiponense leva assim às últimas consequências a revolução operada no *Livro de Job*. Se no paganismo e também no judaísmo (representados pelos amigos de Job), o mal tem uma explicação simples: sofre o mal quem o faz, quem respeita os preceitos e obrigações é feliz; contra esta moral da retribuição que deixou fortes marcas também no cristianismo, Job é para Agostinho o grande argumento antipelagiano.

Há ainda um outro motivo que explica a estima de Agostinho por Job. O doutor da graça vê nesse patriarca bíblico a figura perfeita do homem na sua condição *confessante*, no sentido mais existencial e teológico que a palavra “*confessio*” assume no Hiponense⁴². Job personifica o “homem verdadeiro” que *confessa* seu pecado (6,521) e sua corrupção interna (4,515; 27,517). Nas *Confissões* cita as palavras de Job: *Quem me fará lembrar o pecado da minha infância, porque diante de ti ninguém está limpo de pecado, nem uma criança com um dia de vida sobre a terra* [Jb 14,4-5 (I,7,11)]; para introduzir o exercício da *confessio* que culminará na grande *laus* dos últimos livros das *Confissões*⁴³. Aí, à imagem de Job, Agostinho abre todas as portas do seu coração diante de Deus:

«Também eu digo: meu Deus, onde estás? Eis onde estás. Respiro um pouco em ti (Jb 32,20), quando derramo a minha alma sobre mim, na voz do som de júbilo e louvor de quem celebra uma festa.»⁴⁴

⁴¹ AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos* 29,2,6-7.

⁴² O termo *confessio* é um dos mais frequentes nas *annotationes* (32 vezes). Mas quase nunca significa “louvor”; o significado de “reconhecimento de Deus” ou *confessio fidei*, também tem pouca importância (24,560). Predomina, pois, o significado de “confissão dos pecados” (6,518; 6,519; 7,522; 21,553; 27,564; 37,599). JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job*, 31, 32-34: «Esta é a verdadeira sabedoria. *Confessa* pois primeiro tu mesmo os pecados, para seres justificado (Is 43,26). Não tomo ninguém por testemunha das minhas boas ações, uma vez que prefiro que todo o mundo esteja ao corrente das minhas faltas e meus erros. Nisso consiste efetivamente a melhor sabedoria, pois é norma de virtude fazer que passem despercebidas as boas ações e se manifestem publicamente as faltas; precisamente o contrário do que as pessoas fazem hoje.»

⁴³ Sabemos que as *Confissões* têm muito a ver com o livro de Job que é citado (implícita ou explicitamente) frequentemente. «Ai de mim! Eis que não oculto as minhas feridas: tu és o médico, eu estou doente; tu és misericordioso, eu sou um miserável. Acaso a vida humana sobre a terra não é uma provação? (Jb 7,1)» (X,28,39)

⁴⁴ AGOSTINHO, *Confissões*, XIII, 14, 15.

Sabemos que, para Agostinho, a confissão não é um ato exterior, ou uma prática de piedade religiosa, mas a raiz da própria relação do homem com Deus e do homem consigo mesmo, na sua verdade radical: «Não litigo em juízo contigo, que és a Verdade; e eu não quero enganar-me a mim mesmo, para que a minha iniquidade não minta a si mesma. *Não litigo, pois, contigo em juízo* (Jb 9,3).»⁴⁵

O *homo verus* é aquele que confessa, o homem *verax* que não engana Deus nem os demais (6,521). Neste contexto, S. Gregório Magno introduzirá um tema que se tornou popular na espiritualidade inspirada em Job: O motivo das lágrimas, evocado, por exemplo, neste comentário:

«A vida daquele que o Senhor iluminou converte-se em gemido... e choros pela maldade cometida no passado, e pelo homem que se foi antes, porque já começa a ver o bem que não fez... e já só deseja a penitência.»⁴⁶

O amargor das lágrimas é, como vemos, a seiva da *confessio* e da conversão.

Job é a expressão acabada desta verdade sobre o homem: «Job chama homem autêntico o que é representado na pessoa do penitente na sua conversão a Deus (*conversio ad Deum*)... o homem autêntico encontra auxílio em Deus na *confessio*: *ille enim verus est qui confitetur* (6, 21). Confessar os próprios pecados é fazer memória de que se é homem (37,23). É deste colocar-se com verdade diante de Deus que brota a súplica autêntica, confiante no auxílio de Deus. A atitude orante define, pois, o homem *verus*.

Em ambiente antioqueno, João Crisóstomo (início do século v) nutre uma particular devoção por Job, imagem do “servo sofredor” com quem o bispo de Antioquia se quer identificar. O “Boca de Ouro” interpretou o *Livro de Job* num comentário e nalgumas *homilias*⁴⁷. No comentário que parece resultar do remanejamento de homilias pregadas ao povo, Job é apresentado, numa exegese literal e moral, como um homem justo, capaz

⁴⁵ AGOSTINHO, *Confissões*, I, 5,6.

⁴⁶ GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, XXVII,19,39.

⁴⁷ L. NEYRAND – H. SORLIN, *Jean Chrysostome: Commentaire sur Job, I-II*. SC 346; 348, Paris 1988.

de resistir a toda a prova e tentação. Enquanto tal, é proposto como *figura Christi*⁴⁸ que se apresenta aos homens de todos os tempos⁴⁹.

Consumando uma verdadeira osmose entre a tradicional moral filosófica (estoicismo) e a espiritualidade bíblica, Crisóstomo repropõe aos cristãos o Job histórico como o paradigma do homem justo e temente a Deus que resiste à tentação da blasfêmia. Preocupado sobretudo com a “atualização” da figura de Job⁵⁰, na sua dupla dimensão de exemplo moral e de edificação espiritual, vê no herói bíblico o modelo do homem sábio e virtuoso que, tanto na prosperidade como na provação, se mantém fiel na atitude e nas palavras de louvor.

Mais uma vez, o personagem hagiográfico se sobrepõe ao Job bíblico⁵¹. O homem de Huce é modelo para todos, ricos e pobres, porque «nem o vento da riqueza o inchou, nem a pobreza abateu» este “piloto excelente”. Qual *atleta* da virtude⁵², ele é o protótipo de todas as grandes virtudes: caridade, vigilância, humildade, desprendimento dos bens materiais e recato⁵³. Por tudo isso, é exemplo lembrado aos cristãos nas múltiplas circunstâncias da vida:

«Recebe a imagem que te acabámos de apresentar e guarda-a bem em tua alma. Quando te achares triste, recorre a Job, quando te vires rico serve-te do exemplo da sua medicina, de modo que nem pela pobreza te afundes, nem te ensoberbeças pela riqueza. Se perderes os filhos nele encontrarás consolo, porque nele encontrarás o cúmulo das desgraças e o cúmulo da paciência; se caíres enfermo, pensa nas feridas que atingiram sua carne, e tudo suportarás pacientemente; se um amigo te armou uma traição, recorda-te outra vez daquele santo, e superarás teu sofrimento; se alguém abusar de ti, pensa o que Job padeceu da parte de seus servos, e encontrarás bom remédio; se te vês assediado por alguma má calúnia, pensa no que diziam dele “que ainda

⁴⁸ JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job*. Prol. Zenão de Verona, no *Tractatus de Job*, apresenta Job como *imago Christi* (*Tract. 1,15, de Job 2,7*), desenvolvendo o paralelismo até à ressurreição (cf. SIMONETTI, *Lettera e allegoria*, 270).

⁴⁹ JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job*, 42,13.

⁵⁰ Cf. L. LAURENCE BROTTIER, *L'Actualisation de la Figure de Job chez Jean Chrysostome*, in *Le Livre de Job Chez les Pères*, 63-64.

⁵¹ Cita quase sempre os mesmos passos do *Livro de Job*, centrando-se principalmente no texto do prólogo e epílogo.

⁵² Cf. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job Hom.* 3. 8.

⁵³ Cf. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job Hom.* 8-13.

merecia padecer mais!” e que opróbrios lhe dirigiam e superarás também essa paixão.»⁵⁴

A metáfora atlética inspirada em S. Paulo e desenvolvida pela espiritualidade martirial continua agora a ser reutilizada para apresentar Job como modelo do *agon christianus*⁵⁵ que S. Gregório Magno expõe nestes termos:

«Os comentadores de competições desportistas habitualmente descrevem primeiro as características dos lutadores: compleição física, vigor, boa saúde, musculatura desenvolvida e firme, abdómen sem o peso da gordura nem a fraqueza esquelética. Só depois de ter mostrado primeiro quanto capazes são para a competição, narram os fortes golpes que infligem. Pois bem, como o nosso atleta ia travar um combate contra o Diabo, o escritor sagrado da história – como se estivesse diante de um espetáculo da arena – enumera as virtudes espirituais deste atleta e, descrevendo os membros de sua alma, disse: *era um varão simples e reto que temia a Deus e rejeitava o mal*» (I,3,4)⁵⁶.

Mas é a S. Gregório Magno que devemos o contributo mais significativo para a confirmação do livro e figura de Job como referências obrigatórias da teologia e moral cristãs. Os seus 35 extensos livros intitulados *Moralia in Job* assinalam o culminar da exegese moral patrística, e o consumir do processo de moralização da figura de Job⁵⁷. O grande objetivo dos *Moralia* (primeiro grande manual de teologia moral e ascética) é, de facto, a edificação mediante a leitura moral do texto bíblico, abrindo caminho para a exegese medieval. Com Gregório Magno ficou superada definitivamente

⁵⁴ JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job Hom.* 14.

⁵⁵ P. ROSA, *Giobbe ἀθλητής nei Padri della Chiesa: fortuna di un'immagine*, in Adamantius 13 (2007) 152-173.

⁵⁶ Cf. AGOSTINHO, *Sermão* 359A,6: «Este [Job] que foi um grande atleta de Deus, porque lutou com um grande adversário.»

⁵⁷ A obra nasceu de um ciclo de leituras exegéticas comunitárias, decorridas na comunidade que o hospedou (e acompanhou) no palácio de Gália Placidia. Mais tarde (600) foi reescrito a pedido do Amigo Leandro de Sevilha. Quando Leandro abandonou Constantinopla para regressar à Espanha, em 584, levou já consigo uma cópia dessas homilias. Entre 585 e 591, estas homilias foram reelaboradas, depois de regressado de Constantinopla, redigindo os livros *Moralia in Job*, conforme prometera a Leandro (cf. *Ep.* 1,41). Cf. R. GILLET – A. DE GAUDEMARIS, *Grégoire le Grand. Morales sur Job*, SC 32bis; 212; 221; 476; 525, Paris 1989-2010.

a relutância que se notava até então face ao texto de Job da parte dos comentadores.

Retomando a metodologia origenista, Gregório interpreta o *Livro de Job* a três níveis: literal, alegórico e moral, isto é: a história de Job; Job figura de Cristo cabeça da Igreja (leitura eclesiológica); Job como *exemplum* de virtude, a nível individual ou moral, onde se recolhem orientações para a vida de cada cristão⁵⁸. Lê-se *Job* para contemplar Cristo, para melhorar a vida e assim edificar a Igreja.

Contra o maniqueísmo e pessimismo reinantes, Gregório apoia-se nas palavras de Job para afirmar inequivocamente a bondade da criação, incluída a carne humana. Para além de retomar o lugar-comum que via em Job o profeta da ressurreição da carne (14,54,67; 55,68.69), ao comentar a expressão “*tuas mãos me formaram e me fizeram por completo*”, conclui: «Com estas palavras fica destruída a perversa opinião de Mani que defendendo erradamente que há dois princípios, pretende afirmar que o espírito foi criado por Deus e a carne por Satanás. O santo varão, cheio da graça do espírito profético, ... elimina tais erros, dizendo: *Tuas mãos me formaram e me fizeram por completo*» (9,49,74).

É verdade que o sofrimento existe, mas Deus permite que o homem inocente sofra os *flagella Dei* porque estes se podem tornar, para o homem justo, um percurso de santidade.

Judeu perfeito, mesmo sendo membro do povo eleito, cristão *ante litteram* (14,1,1), Job oferece um esboço de todas as atitudes que o cristão deve fazer suas.

É significativo que o *Livro de Job* volte a merecer renovada atenção num contexto muito crítico (como sucedera no século III): O núcleo originário dos 35 livros de *Moralia in Job* foi redigido entre 579-585, quando o seu autor se encontra em Constantinopla ainda na condição de monge e diácono delegado do Papa Pelágio II, precisamente a fim de angariar ajuda para fazer frente à ameaça dos Longobardos, vistos como invasores cruéis. Neste cenário, Job é proposto como modelo de aceitação dos desígnios de Deus em momentos difíceis em que a fé se vê posta à prova.

No mesmo período, outros pregadores, como Leôncio de Constantinopla, adotam nas suas homilias o tema de Job. Este personagem bíblico

⁵⁸ GREGÓRIO MAGNO, *Carta a Leandro de Sevilha*, 3-4 (SC 32bis, 122-130).

é agora modelo não só dos ascetas, mas também dos homens de família (Cesário de Arles); figura ideal dos casais cristãos que administram corretamente os seus bens, sabendo-se peregrinos da pátria celeste⁵⁹. As três filhas de Job são as virtudes cardeais, fé, esperança e caridade, propostas a todo o cristão⁶⁰.

Zenão, bispo de Verona entre 361 e 370 (ou 371-380), num sermão (*Tractatus de Job*), comenta os capítulos 1-2 e 42 de Jb. Depois de invocar a vida de Job como modelo de virtude, apresenta o patriarca bíblico como figura de Cristo (*imago Christi*) explorando o paralelismo entre Job e Cristo em termos detalhados⁶¹:

Job	Cristo
Justo	Sol de justiça
Verdadeiro	“Eu sou a Verdade e a vida”
Rico	“Do Senhor é a terra e o que nela existe”
Três vezes tentado	Tríplice tentação de Cristo
Perde todos os bens	Fez-se pobre para nos enriquecer
Perde os filhos	Povo insensato que mata os profetas
Coberto de feridas	Incarnação vista como privação das riquezas
Tentado pela mulher	Expulso da sinagoga
Escarnecido pelos amigos	Escarnecido pelos Judeus
Sentado nas cinzas	Cristo no mundo
Recupera os bens	Ressurreição de Cristo
Nascimento de novos filhos	Os apóstolos
Beato, repousa em paz	Cristo na glória eterna

⁵⁹ Cf. CESÁRIO DE ARLES, *Sermões*, 1,20.

⁶⁰ Tanto Agostinho como Gregório Magno interpretam Ez 14,20, em que se fala de Noé, Daniel e Job, como representantes dos pastores, célibes e casados, respetivamente (AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos* 132,5; GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, I,20). Talvez Orígenes tenha sido o primeiro a fazer esta leitura alegórica do referido passo bíblico. Cf. ORÍGENES, *Homilias sobre Ezequiel*, IV,4-8.

⁶¹ ZENÃO DE VERONA, *Tractatus in Job*, II,7. Cf. PIERRE MARAVAL, *Job dans l'œuvre de Zénon de Vérone*, in AA. VV., *Le Livre de Job chez les Pères*, 24-25; 29-30.

“Havia um homem...”: Job figura do homem verdadeiro

É conhecida a história do filósofo Cínico, Diógenes, que se passeava, em pleno dia, pelas ruas de Atenas de lanterna na mão, e assim respondia a quem o inquiria sobre tão insólito comportamento: “Procuro um homem.” Frederico Nietzsche comenta que “antes de procurar o homem é preciso ter encontrado a lanterna” (*Humano demasiado humano*). Dezoito séculos antes, Tertuliano já se socorrera da história de Diógenes para ironicamente recordar que, enquanto o filósofo cínico «carregava uma lanterna em plena luz do dia, porque queria encontrar o homem, Marcião perdeu Deus que havia encontrado, depois que sua fé expirou»⁶².

Na pessoa de Job e sua história lida à luz da fé em Cristo, os Padres da Igreja “encontraram” o *Homem* há muito procurado.

Deus, ao falar com Job, trata-o por “homem” (Jb 38,3), o que é significativo para quem se sentia um farrapo, despido da sua dignidade. Tal facto não passou despercebido aos Padres da Igreja que raramente abordam Job como indivíduo concreto (*secundum historiam*). A constatação de Job não ser judeu nem se saber bem de onde provém (o Oriente e a remota Huce apontam para um horizonte distante) justificava outra interpretação: Ele é, afinal, o homem em busca de si ou o homem buscado: é uma espécie de insónia permanente e presença inquietante em cada homem que se confronta com as inevitáveis provas da vida. Os lamentos de Job não provêm de uma situação ou dificuldades pessoais, mas são expressão da dor do género humano. «As palavras de Job, recorda-nos Agostinho, representam uma dor que não é apenas privada de Job, mas a que experimenta todo o género humano.»⁶³

Falar de Job é tratar do homem na sua flagrante fragilidade: «O homem que se desfaz como a madeira podrida, como vestido carcomido pela traça» (Job 13,28). Palavras que Gregório Magno comenta assim: «Que é o homem senão uma folha caída da árvore do paraíso? Que é ele senão uma folha levada pelo vento da tentação e sacudida pela corrente dos seus desejos?»⁶⁴

Job é, pois, a figura do Homem, na sua condição de filho de Adão que sabe que “ninguém é justo diante de Deus”. Os versículos 14,4-5 serão

⁶² TERTULIANO, *Adv. Marc.* I,5.

⁶³ AGOSTINHO, *Annotationes in Job*, 6.

⁶⁴ GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, XI,44,60.

muitas vezes citados e comentados para explicar as consequências do pecado de Adão. O referido passo constitui para os Padres da Igreja um testemunho escriturístico decisivo para afirmar a pecaminosidade de todos os homens⁶⁵.

Job, apesar de justo, e virtuoso, não era sem pecado e, precisamente por isso, pode ser proposto como exemplo a todo o homem pecador: «Este homem era um *homem*, digo mais uma vez, “um homem”, sem blasfêmia, justo, verdadeiro, bom, abstémico de todo o mal... Isto não quer dizer que Job era sem pecado. Mas justo e virtuoso...»⁶⁶

Este, o sentido profundo da famosa “paciência” de Job, como prova da verdade sobre o homem, que leva os Padres a chamá-lo “verdadeiro homem”:

«Havia um homem na terra de Huce. Vês o elogio que o Espírito de Deus dedica a Job? Muitos, na verdade, dizem-se “homens”, mas não o são, porque mais se parecem com os animais desprovidos de razão... mas ele é chamado “homem” de modo firme, porque conserva a imagem de Deus.»⁶⁷

Segundo uma consistente tradição interpretativa, o pecado de Adão foi uma “falta de paciência” (IRENEU, TERTULIANO...) ⁶⁸. Neste contexto, Job aparece como o antídoto de Adão e Eva desobedientes e impacientes. «Só a paciência – pregam os pastores patrísticos – pode salvar, só ela pode realizar o que buscamos; é por ela que restabelecemos a retidão de alma e dos pensamentos. Ela é a chave para o reino do céu.»⁶⁹

⁶⁵ Cf. CLEMENTE ROMANO, *Cor.* XVII,4; CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom.* III, 16,100,4; IV,12,83,1; IV,106,3; IV,12,83,1; IV,17,106,2-3; ORÍGENES, *Contra Celsum* VII, 50; *De Principiis*, IV,4,4; *In Cant. Comment.* 3; *Ex. Hom.* III,2; *In Jer. Hom.* V,14; *In Lev. Hom.* VIII,3; XII,4; *In Num. Hom.* III,2; *In Luc. Hom.* 2; 14; *In Math. Comment.* 15,23; *In Rom. Comment.* 5,1; 5,5; 5,9; 7,18; CIPRIANO, *Test.* III,54; AGOSTINHO, *Ep.* 166,3,6; *De nuptis et concup.* II,29,50; AMBRÓSIO, *Apol. Prof. David*, I,11,57.

⁶⁶ JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job*, 12,21.

⁶⁷ HESÍQUIO DE JERUSALÉM, *Homilias sobre Job I* (PO 42,1, 66-67). Hesíquio (morre em 451) é autor de um comentário ao Livro de Job, pregado em Jerusalém, na Igreja de Sião, durante as sextas-feiras da Quaresma (cf. PO 42, 1-2). Este comentário em grego perdeu-se, mas conserva-se numa versão armenia, sob a forma de 24 *Homilias sobre Job 1,1-20,29*.

⁶⁸ Cf. IRENEU, *Adv. haer.* V,20,2; TERTULIANO, *De patientia*, 5,5-14. Veja-se ainda GREGÓRIO NAZIANZENO, *Orat.* 38,12.

⁶⁹ HESÍQUIO DE JERUSALÉM, *Homilias sobre Job, hom. I*.

Por outro lado, o passo Jb 14,4-5, seguindo a versão dos LXX⁷⁰ (*Quem será puro de mancha? Ninguém, ainda que a sua vida na terra não dure mais que um dia*), assumiu na tradição ocidental, mormente a partir de Orígenes⁷¹ e Tertuliano, uma especial relevância, como argumento escriturístico a favor do pecado estrutural que atinge todo o homem, desde o primeiro momento da sua vida. Uns, como Agostinho, viram nessa “mancha” o pecado original; outros, como João Crisóstomo, consideraram que se trata da impureza física contraída no ato da concepção e nascimento, sem que tal signifique mais que uma debilidade moral e uma certa tendência a pecar, à maneira de uma lei universal que faz de todos nós solidariamente pecadores, mas não culpados.

Ninguém pode ser tão pobre como o é ao nascer: *nemo tam pauper potest esse quam natus est*; palavras do cristão Octavius em diálogo com o pagão Cecilius na amena praia de Óstia⁷². A nudez de Job, expressa pelo próprio nas célebres palavras: *sai nu do ventre de minha mãe e nu aí voltarei* (Jb 1,21), vai merecer a atenção dos mais antigos teólogos cristãos. A propósito, Clemente Alexandrino comenta assim:

«Unicamente o homem nasce totalmente nu, sem proteção de nenhum tipo de armas ou vestidos. Isto não significa que o ser humano seja inferior aos restantes animais. Significa sim que a nudez e o não estar vestido de nada provoca em nós a reflexão. Ora bem, o pensamento e a solicitude suscitam a prudência, afastam a estupidez e introduzem as artes como resposta para nossas necessidades e favorecem a diversidade de destrezas. Na verdade, quem está despido tem a indigência como impulso à reflexão e estímulo à meditação e oração...»⁷³

⁷⁰ A versão hebraica diz: «Quem poderá tirar uma coisa pura de uma imunda? Ninguém!» As *Veteres Latinae* traduzem segundo a *Septuaginta*; enquanto a *Vulgata* traduz: «quem pode tornar impuro o que foi concebido numa semente impura?».

⁷¹ ORÍGENES, *Homilias sobre o Levítico*, VIII, 3. Orígenes explica assim o motivo pelo qual a Igreja propõe o «batismo para a remissão dos pecados... também às crianças», *ibid.* Cf. M. L. ANNECHINO, *Giobbe 14,4-5 nell'interpretazione origeniana*, in *Vechiana* 3 (1992) 233-246.

⁷² MINUCIO FÉLIX, *Octavius*, 36,5.

⁷³ CLEMENTE ALEXANDRINO, *Fragments*, 5.

Job é celebrado como o homem «despido não de riquezas (pois isso vale pouco e é comum), mas, como justo que caminha despido da maldade do pecado e da fealdade que é consequência de ter cometido injustiças»⁷⁴.

Há muito, de facto, se sabia que a sobriedade coadjuvava a reflexão e oração. A verdadeira oração tem de ser desinteressada, como a de Job despojado de tudo:

«Todo aquele que adora o Senhor, ensina Agostinho, para obter riquezas ou para alcançar as honras do mundo, sendo estas coisas o motivo da sua oração, é evidente que não o adora desinteressadamente. Adora-o, para obter a recompensa. Se Deus não lhe concede estas coisas, volta-lhe as costas. E pensa que é preferível adorar outro que lhas possa conceder. Mas só Deus é que as concede. Todavia, se um outro as concedesse, os que amam estas coisas, voltariam as costas a Deus e recorreriam a esse outro. Apoia-te em Deus, que Deus seja para ti todo o bem, que Ele seja para ti o verdadeiro bem. Depois de lhe serem retiradas todas as coisas, o Diabo, posto que não lhe pôde retirar Aquele a quem ele amava desinteressadamente, ficou derrotado com as próprias palavras de Job: *O Senhor o deu, o Senhor o tirou, tal como agradou ao Senhor, assim aconteceu*. Não disse: “Que é que eu hei de fazer contra o Senhor? Lamentar-me-ei, porque não o posso vencer.” Mas afirmou: *Bendito seja o nome do Senhor* (Jb 1,21). Só por causa dos seus filhos, receando que eles pecassem, rasgou as suas vestes, orando por eles com paternal afeto (Jb 1,20). Todavia, o que Deus lhe tirou, ele aceitou-o de bom grado, porque de melhor grado se abraçava ao próprio Deus.»⁷⁵

O *Livro de Job* é, portanto, revisitado como espelho do homem e fonte inspiradora do combate espiritual que põe a nu a verdade sobre o homem na sua condição *natural* e na sua relação com Deus, fonte de todo o ser e seres.

⁷⁴ CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom.* IV,25,160,1.

⁷⁵ AGOSTINHO, *Sermão* 22 A, 2.

“O homem que falou bem de Deus”

Como vimos, Job é um recurso renovável em momentos de crise. É uma constatação que parece confirmar-se tanto nos tempos mais antigos, como nos nossos dias.

Assim como nos tempos de Gregório Magno a ameaça dos Longobardos, vistos como cruéis invasores levará este ilustre Padre da Igreja a centrar sua atenção no *Livro de Job*, também Santo Agostinho encontrou suporte neste texto bíblico quando teve de pregar ou escrever sobre o drama da queda de Roma, em 410.

Num dos sermões sobre o saque de Roma, Agostinho insiste que o que distingue a postura crente é precisamente a atitude orante de Job, em qualquer tempo e circunstância:

«Bendirei ao Senhor em todo o tempo, o seu louvor estará sempre na minha boca (Sl 33, 2). Quer o mundo prospere quer o mundo se arruine, bendirei ao Senhor que criou o mundo. Simplesmente bendirei. Quer ele esteja bem segundo a carne, quer esteja mal segundo a carne, bendirei ao Senhor em todo o tempo, o seu louvor estará sempre na minha boca. Pois se bendigo quando ele está bem e blasfemo quando está mal, é porque fui atingido pelo aguilhão do escorpião e, ferido, voltei para trás o olhar. Longe de nós tal coisa! O Senhor deu, o Senhor levou; assim agradou ao Senhor, assim foi; bendito seja o nome do Senhor (Jb 1, 2).»⁷⁶

O homem temente a Deus, provado pela tragédia sofrida na própria carne, continua a bendizer Deus “que dá e que tira”. Alguns amigos procuram consolá-lo, lembrando-lhe que talvez a causa de tais sofrimentos fossem os seus pecados. Ao que Job responde rejeitando tal teologia da retribuição, e interpelando diretamente Deus, perguntando-lhe o porquê do seu sofrimento. Deus responde a Job, não dando-lhe um porquê, mas mostrando-lhe que tal resposta está muito para além da capacidade intelectual do homem. É problema da incomensurável relação entre Criador e criatura. Job encontra a resposta na medida em que percebe que tal relação não pode assentar na simples reciprocidade.

⁷⁶ AGOSTINHO, *Sermão* 105,6,8.

A este propósito, comenta Gregório Magno: «De um modo diferente fala Deus às almas e de outro modo falam as almas dos santos a Deus»; e depois de citar Ap 6,11, onde se fala do “clamor” dos justos, continua: «É grande o seu clamor porque é grande o seu desejo. Quem menos deseja menos clama. Com voz mais forte se dirige aos ouvidos do Espírito infinito aquele que mais radicalmente coloca n’Ele o seu desejo... As almas dos santos põem sua morada no seio secreto e interior de Deus, encontrando n’Ele descanso.»⁷⁷

Tudo se joga, pois, numa destas respostas extremas: *Entre a blasfêmia e a oração*. Mas se Deus é Deus, só pode ser bom e se é bom, nunca pode deixar de ser louvado: esta a lição de Job:

«Job deu graças mesmo quando perdeu as riquezas, os filhos, deu graças a quem lhos havia dado e a quem lhos tirou... Job não quis no início falar, mas Deus deu-lhe confiança para falar um pouco depois. Tanta é a bondade de Deus que se reveste das aparências não do que julga mas daquele que é julgado.»⁷⁸

Neste sentido, as palavras saídas da boca de Job que maior eco terão na tradição cristã acabaram por ser estas: «*O Senhor mo deu o Senhor mo tirou, bendito seja o nome do Senhor...*» (Jb 1,21)⁷⁹. Nesta resposta orante de Job se condensa o sentido mais profundo da oração cristã radicada na lógica do dom e da restituição do mesmo à sua fonte⁸⁰.

Esta dimensão “eucarística” é, segundo a tradição paleocristã, a que melhor define o cristão, como antítese da blasfêmia de que Job se absteve sempre⁸¹. O homem justo, que se sabe beneficiário da Providência divina, não cessa de louvar o Senhor que “concorre em tudo para o bem dos que o amam”⁸².

⁷⁷ GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, II,11.

⁷⁸ ORÍGENES, *Hom. in Job*, 28,7.

⁷⁹ Cf. CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom.* II,103,4; IV,160,1; VII,80,5; ORÍGENES, *In Math Comment.* 77; *Ep. Jul.* 56; *In Exod. Homil.* VIII,6; *In Ez. Hom.* IV,4; *In Gen. Hom.* VIII,10; TERTULIANO, *Cast.* II,1 (CCL 1016); CIPRIANO, *De mortalitate*, 10.

⁸⁰ Cf. L. LAURENCE BROTTIER, *L’Actualisation de la figure de Job chez Jean Chrysostome*, in AA. VV., *Le Livre de Job Chez les Pères*, 108.

⁸¹ Cf. JOÃO CRISÓSTOMO, *De statuis*, IV,2 (PG 49,2); *De diabolo tentatore*, III,6 (PG 49, 272); *In illud Isae*, 4 (PG 56,147); *In Ep. ad Hebr.* XX,3 (PG 63,147).

⁸² «*Como o papiro não floresce sem água, nem cresce o junco se não se rega* (Jb 8,11), assim tam-

Por isso, Crisóstomo, referindo-se à sua dolorosa experiência de exílio, encontra em Job o modelo e motivo de ação de graças: «Que dizer? Como exprimir-me? Deus seja bendito!

«Como Job, que dizia *seja bendito o nome do Senhor* (Jb 1,21). Estas palavras de ação de graças repito-as eu agora. *Que o nome do Senhor seja bendito pelos séculos!* As causas dos acontecimentos são diferentes, mas um só é o fim estabelecido. Um só fim é estabelecido para o Inverno e o Verão: as culturas e a fertilidade do solo que lhe estão associados. Bendito seja Deus que permitiu minha partida; bendito seja Deus que decidiu meu regresso. Bendito seja Deus que permitiu o Inverno; bendito seja Deus que pôs fim ao Inverno e trouxe a tranquilidade. Falo disto para vos exortar sempre a bendizer. Se vos sucedem males, bendizei e esses males terão fim. Se vos visita a prosperidade, bendizei e esta prosperidade será duradoira. Job, na verdade, glorificou o Senhor tanto quando vivia na prosperidade como quando se viu reduzido à pobreza. Não foi ingrato na primeira situação nem blasfemou na segunda.»⁸³

O desabafo de Job é, portanto, a forma mais autêntica de oração e abertura aos dons de Deus:

«*Para que me tiraste do ventre de minha mãe e não morri sem que olhos alguns me vissem, como se não tivesse existido?* Job profere estas palavras à maneira de súplica. E os infortúnios que suportou não eram pequenos... Mas Job ensina-nos que aguentava graças ao poder de Deus e por isso suplica agradecido. E também Paulo diz o mesmo: «*Não sou eu, mas a graça que há em mim*» (1Cor 15,20)⁸⁴.

bém é impossível que aquele que recebe os benefícios de Deus não produza proveitoso fruto. Pode também afirmar-se que os assuntos humanos que são regados pela providência divina, como se fosse água, se esta não chega depressa secam e se extinguem. Portanto, se alguém cai em desgraça mas a seguir a sua sorte volta a mudar, tal é fruto da providência. Ainda que os sucessos humanos tenham aparentemente uma raiz humana, não serão reais se a providência não os governa. Algo de semelhante a isto foi dito pelo salmista com grande beleza: *Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem* (Sl 127,1)» (GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job* VIII,11-12).

⁸³ JOÃO CRISÓSTOMO, *Post reditum a priore exilio* (PG 52,441).

⁸⁴ GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, X,19.

João Crisóstomo fiel discípulo de Paulo, pregando contra o grave pecado da blasfêmia («nada desagrada tanto a Deus quanto a blasfêmia do seu nome»), como antídoto, propõe, mais uma vez, a imitação de Job: «em vez de blasfemar, nos momentos difíceis, dai graças!».

«Não caias no desânimo, mas louva. Abre o teu coração a Deus, grita forte orando, grita forte bendizendo Deus e as tuas desgraças serão aliviadas... Nenhuma boa obra é comparável à ação de graças. É um grande tesouro, uma enorme riqueza, um bem insuperável, uma arma admirável, ao contrário da blasfema, o pior dos males que nos afasta ainda mais dos bens perdidos.»⁸⁵

Este grito é a forma talvez mais radical de oração do homem que “do profundo do abismo clama/grita ao Senhor” (Sl 129,1). Escutamos este grito nos salmos, mas sobretudo na boca de Job. Um clamor de revolta que à letra parece blasfemo. Mas no qual os Padres viram a autenticidade de uma última total confiança. Pois, afinal, Deus responde aos clamores da humanidade. A intenção não é a de dar respostas ao homem que nem Deus quis dar. Há um fiel respeito tanto pela liberdade e limites humanos como pelo silêncio de Deus:

«*Porque me escondes o rosto*» (Jb 13,24): “Porquê, pergunta Job, não apresentas as coisas com clareza?” Porque não dizes: “castigo-te por este e este motivo?” Conhecer a causa do castigo traz grande alívio aos que são castigados. Por isso, diz Job: “*dá-me a conhecer meus pecados*”. Mas Deus não poderá dar-lhos a conhecer»⁸⁶.

Job, insiste Crisóstomo, «foi glorificado não por ter sofrido muitos males, mas por ter suportado tudo dando graças a Deus. Outro, no seu lugar, basta um pequeno sofrimento para blasfemar, perder o controlo, maldizer o mundo inteiro, irritando-se contra Deus...». Job, pelo contrário, «embora vendo-se atingido por grande miséria, não blasfemou, mas louvou Deus, dizendo: *O senhor me deu todos os bens; O senhor me retornou... Seja bendito o nome do Senhor* (Jb 1,21)».

⁸⁵ JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job*, 12,21.

⁸⁶ JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job*, 13,24-25.

Os Padres reconhecem, portanto, que Job obteve a justificação da parte de Deus porque reconheceu que Deus era Deus, Onnipotente e Providente. Mas também porque humildemente “perguntou” e “discutiou” com Deus a fim de obter respostas: «É uma vez que quando alguém pergunta, é para aprender o que ignora, há que saber que perguntar a Deus é reconhecer-se como ignorante ante seu desígnio.»⁸⁷

Segundo Agostinho, é o próprio Deus que não quer que o homem se cale: «não é por ser Todo-Poderoso que vamos deixar de discutir com Ele. Porque discutir com Deus tem, no caso de Job, um tom de busca do homem que não descansa senão em Deus»⁸⁸.

“Na piedade do Senhor está a sabedoria”: Job modelo do sábio

Job aparece, pelos motivos já referidos e muitos mais, como o protótipo do homem sábio, «justo para com Deus em todos os deveres da vida»⁸⁹. O passo de Jb 28,28 é frequentemente retomado e comentado, para explicar a passagem da “*theosébeia/pietas*” pagã para a piedade (*religio vera*) cristã:

«Nada há de mais poderoso que esta sabedoria. *O temor do Senhor é o começo da sabedoria e todos os que a põem em prática possuem uma boa inteligência* (Pr 1,7; Jb 28,28). Este é o maior de todos os bens. A sabedoria suprema consiste em adorar a Deus, não em insistir no inútil esforço de proferir opiniões ou até pedir contas a Deus pelos acontecimentos. Não penseis que ireis descobrir outra sabedoria.»⁹⁰

Agostinho cita frequentemente o referido passo de Job⁹¹, onde se diz:

⁸⁷ GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, XXXV,3,4.

⁸⁸ AGOSTINHO, *Annotationes in Job*, XXXIX,30.

⁸⁹ CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom.* VIII,12,80,6-7.

⁹⁰ JOÃO CRISÓSTOMO, *In Job*, 28,28.

⁹¹ Repetindo ou pressupondo quase sempre a mesma ideia assim resumida: «Homini autem sapientia pietas est. Habes hoc in libro sancti Job. Nam ibi legitur quod ipsa Sapientia dixerit homini: *Ecce pietas est sapientia* (Jb 28,28)»; cf. AGOSTINHO, *Enchiridion de fide, spe et caritate*, I,2. Texto retomado à letra em: *Confessiones*, V,5,8; VIII,1,2; *Epistola*, 140,18; 167,3,11; *De sancta virginitate*, 42,43; *De spiritu et littera*, 11,18.19; *Contra Iulianum*, III, 21,48.

ἡ θεοσέβεια ἔστιν σοφία (LXX), na versão latina: *Hominis sapientia pietas est*⁹².

Job é a expressão teórica e prática desta identificação da sabedoria com o verdadeiro culto ou atitude perante Deus.

A sabedoria de Job consiste em mostrar-nos que não há e nunca haverá respostas teóricas cabais para as grandes perguntas da humanidade: as respostas são vislumbradas na vida de Job e na experiência de cada homem que sabe que não se encontra em condições de “pedir contas”, mas cai na conta da sua finitude orante.

A partir do texto de Job, os Padres concluem que a piedade e sabedoria correspondem-se (*ecce pietas est sapientia*), explicando-nos Agostinho «que, com o termo *sapientia* entendemos o conhecimento e desejo amoroso de Deus»⁹³.

Em suma, Job pode continuar a ser proposto, segundo a sugestão dos Padres da Igreja, como o *exemplum* bíblico da “verdadeira sabedoria (*sapientia*) que é segundo Deus”: «Que esta é a sabedoria do homem, demonstra-o a autoridade da Sagrada Escritura no *Livro de Job*, Servo de Deus, onde se lê que a sabedoria de Deus disse ao homem: *Eis que a piedade é sabedoria, e abster-se do mal é ciência* (Jb 28,28).»⁹⁴ Não será por acaso que o *Livro de Job* continua, também em nossos dias, a ser um verdadeiro referencial de sabedoria, isto é, da atitude essencial de homem face a Deus, face ao próximo, bem como frente às realidades do mundo⁹⁵.

Achámos, por isso, oportuno fazer do assunto o motivo de homenagem ao Professor Armindo dos Santos Vaz a quem muito devemos pelo seu amor às Escrituras e pela sabedoria que delas soube colher e partilhar.

⁹² «Este passo, em que Job identifica a *pietas* com o culto de Deus que em grego se diz θεοσέβεια. É esta a palavra que se encontra nos códices gregos neste passo.» AGOSTINHO, *De Trinitate*, XII, 14,22. Na versão grega (LXX) lê-se *theosebeialeusebeia*, que a Vetus Latina traduziu por *pietas/cultus*. A Vulgata introduziu a expressão “timor Domini”, considerada por S. Jerónimo mais fiel ao original hebraico. Cf. ISIDRO P. LAMELAS, “Hominis sapientia pietas est”. Santo Agostinho e a conversão da *pietas*, in *Theologica* 47/2 (2012) 455-471.

⁹³ AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos*, 135, 8. Cf. IDEM, *De Trinitate*, XII,14.

⁹⁴ AGOSTINHO, *De Trinitate*, XIV,1,1.

⁹⁵ AGOSTINHO, *De civitate Dei*, X,3: «Hic est Dei cultus, haec vera religio, haec recta pietas, haec tantum Deo debita servitus». Cf. LAURA CARNEVALE, *Giobbe dall'antichità al Medioevo. Testi, tradizioni, immagini*, Bari 2010, 54-113.

